

Contos de João Dias:

# Um brado pela justiça

O apontamento que publicamos, chama a atenção para um escritor moçambicano a quem a vida breve apenas permitiu a publicação de um único livro. Fundamentalmente incide sobre a análise que João Dias fez do contexto social em que situou os seus contos, ainda que aspectos literários dele não fiquem dissociados.

Relembra, com justeza e acuidade, aquele que foi um precursor, notável apesar da sua pouca idade, na escrita do conto moçambicano. Que o presente texto possa motivar a crítica literária de maior fôlego a que João Dias tem direito, como também outros autores moçambicanos cuja produção, esgotada, não é hoje reflectida porque nem sequer é lida.



João Dias

João Dias, filho de jornalista prestigiado no meio africano da então Lourenço Marques, nasceu a 21/5/26. Durante três anos, frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Daí se transferiu para Lisboa onde veio a falecer em 25/3/49.

João Dias marcou presença definitiva nas letras moçambicanas e pode dizer-se que foi um dos melhores escritores deste país. Nunca antes o brado pela justiça tinha sido lançado com mais determinação, clareza e toque intelectual combinados. A toda a sua volta, o escritor via, ouvia e sentia a opressão e a injustiça aberta que circunscreviam, quando não eliminavam, a liberdade da maioria na sociedade.

Se o racismo foi o mal contra o

qual dirigiu muitos dos seus escritos, isso deveu-se a ser o que mais sofrimento deu a João Dias e a quase todo o Povo moçambicano na época em que viveu. Não havia lugar, tempo ou circunstância onde o negro não fosse vítima de arbitrariedades do sistema vigente.

Nos contos de *Godido*, *Godido* — nome da principal figura — e os outros negros encontram-se, *godidos* em todo o lado. A educação era um luxo que não mereciam. Testemunha o narrador de um dos contos (1): «*Escola pra preto num tinha, Branco estava a falar cos preto é só pra cavari, cavari ni chão.*» E escreve o autor: «*Quando (o Godido) quis aprender a ler deram-lhe panelas para lavar.*»

Mas se o preto protestasse contra este estado de coisas, chama-

va-se-lhe um apóstata. Eis a observação de João Dias:

«*Suspirou pela sua vida primitiva e quis fugir. Apanharam-no e ficou a apodrecer numa cadeia. Quando gritou que era livre e rei nas costas da mãe, o mundo cuspiu gargalhadas de ódio no negro que queria ser mais que escravo... Ele que nascera e vivera na escravatura, pedia a graça de «dominus» e chamavam-nô revoltado, inflamação de ideias enciclopedistas. Não sabia ler nem conhecia de vista a metafísica, mas era um partidário de Diderot.*»

Não só os analfabetos sofriam as arbitrariedades e a injustiça na sociedade. Neves, por exemplo, era um funcionário dos Caminhos de Ferro e tinha um bom comportamento civil, mas não lhe valia.

«Bastava a cor como cartão de rejeição.»

Aqui o escritor desmascara a dupla face do colonialismo e da opressão. Era a litanias do colonialismo que trazia civilização aos incivilizados e espalhou pelas cinco partes do globo a mentira do não racismo. No conto «Genesis» que é essencialmente um comentário sobre preconceitos, João Dias escreve:

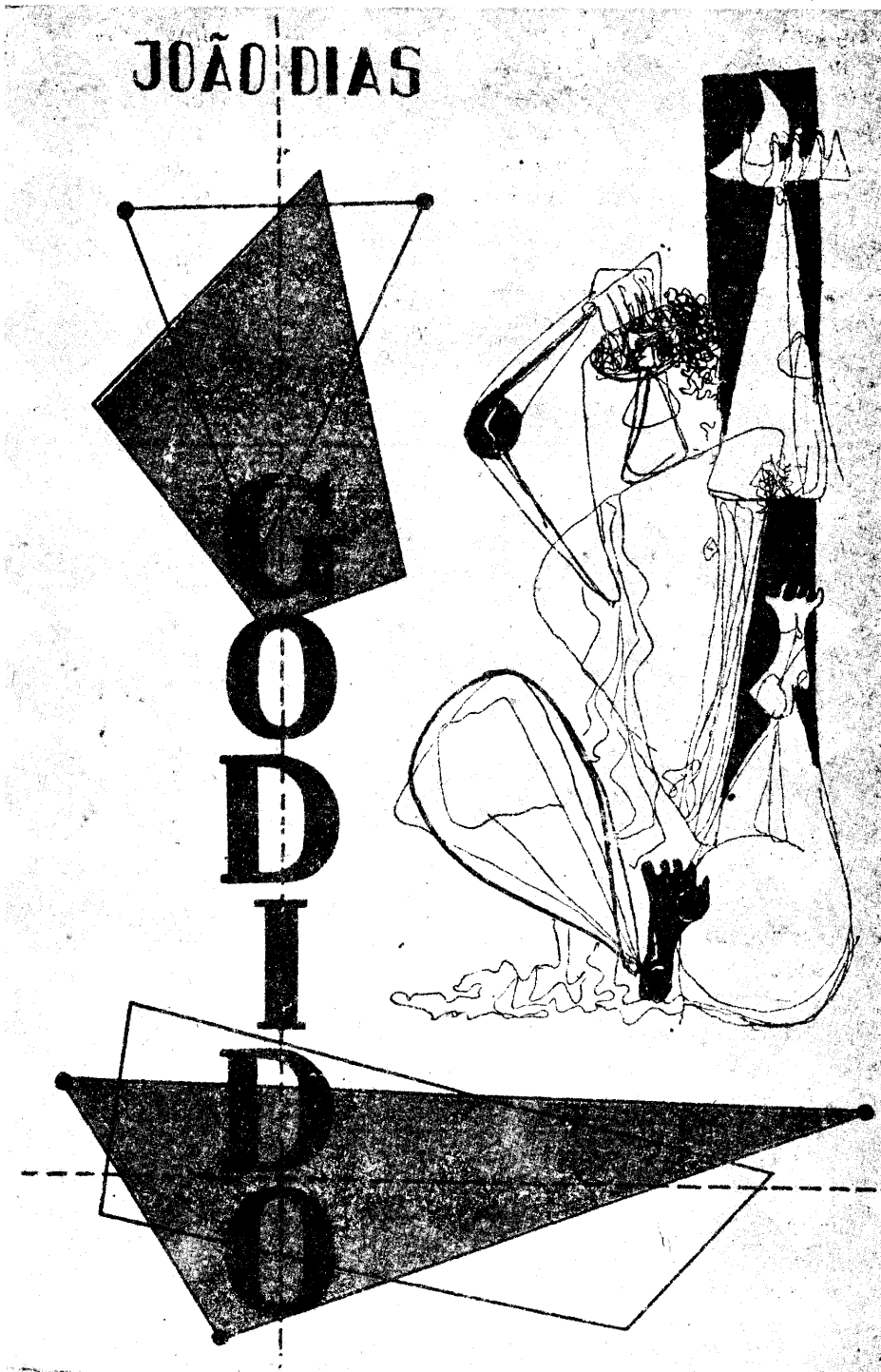
«E (o branco) criou o direito. Uma palavra que se não define porque era o meio de o branco estar a cavalo e não convinha que se soubesse ao certo a sua natureza. Dizia-se que realizava justiça, que trazia igualdade para todos, pão para todos, e mataria arbitrariedades. Mas por causa desses direitos, que o branco mais forte fizera, estava o negro a fazer de cavalo.»

Voltemos ao caso do Neves sobre o qual o autor conta que «o Neves é segundo classificado e já vítima de artifícios racistas do júri. Há dez vagas de preenchimento urgente». O problema perante o subdirector é o de «como nomear um negro, que os futuros subordinados não aceitarão como superior». A questão não é só da aceitação pelos «futuros subordinados» mas também da atitude do próprio subdirector que vê o Neves como um estereotipo:

«Se fosses como teus irmãos, mero carregador do cais», ruma o subdirector, «ou desentupidor de fossas... não levantarias novos problemas a ti e a nós. A vida seria suavemente menos alcantilada. Serias feliz porque eras do teu mundo, e te bastavas nele».

Ora, é essa sociedade que João Dias analisa, a sociedade do mundo colonial onde a injustiça e as arbitrariedades não são manifestações esporádicas e individuais, mas oficiais e generalizadas. Uma sociedade de valores falsos porque a sua própria base é falsa. «Não se devia interpretar tanto à letra o Humanismo das colónias», determina João Dias que continua a filosofar: «A própria existência das colónias, contradiz por si o Humanismo.»

Não apenas o opressor vivia nesse mundo de falsos conceitos, mas a vítima também, que negava a sua origem e até a sua própria perso-



nalidade, ao mesmo tempo que abrigava certas aspirações. É este o caso de um Mabunda do conto *Eu tenho Nome*, de quem o autor escreve: «essas aspirações de Mabunda realizaram-se mais tarde num lugar esquecido de oficial de diligências, onde Mabunda, de fraca vontade mostrou também a fragilidade do seu carácter... riscou toda a afectividade para com aquela negra suja, hoje velha e ranho-

sa que o parira... Só o entristecia aquele cabelo áspero que já encarpinhava apesar do fixador, e entristeciam-no mais os seus lábios grossos, e o apelido Mabunda.»

As mulheres são relegadas a desempenhar uma função indigna na sociedade e que João Dias assim descreve:

«Por 20\$00 Luisa realizava mais uma vez a sua função social. Elas, «as mulheres da vida», eram o bo-

de expiatório das exigências do sexo nessa sociedade irregular. A grande obra dela, de fundo social, estava em manter o equilíbrio da Humanidade, evitando a vulgarização do histerismo e de outras manifestações nírbidas, filhas do recalçamento sexual.» Esta uma observação acerca da situação em Portugal. E em Moçambique: «Carlota continuou entre o quarto do senhor Costa e os negros da palhota», enquanto se desgastava no trabalho para aumentar a mão-de-obra nas machambas do senhor Costa: «a vaca do caseiro procriava pela décima vez depois do nascimento de Godido.»

Os trabalhadores não beneficiavam dos frutos do seu suor, como relata o narrador de um dos contos: *Os produtos seguiam para grandes cidades. Na aldeia, a fome. Di modo qui os preto trabaia, trabaia e, às vezi, fica fome no barriga dele. Não tẽ comida para o gente.*»

E as crianças dos próprios «donos» recebiam uma educação fechada à realidade do mundo que os preparava para poderem encaixar-se na sociedade de consumo. Por isso, o Américo de um dos contos nunca foi capaz de ter amigos íntimos: «Talvez lhe exigisse demais uma sociedade de compra e venda. Os conceitos metafísicos, que o homem de sotaina impingira nas aulas de Moral, obrigavam a espanto em frente ao mundo exterior. Seus pais limitavam-no na infância, ao quarto de brinquedos e às complicadas lições do professor Filipe.»

Os contos de João Dias são um espelho onde a sociedade podia ver a sua imagem. Por isso não tinham aceitação nos círculos literários do seu tempo e o seu autor era considerado fomentador de atitudes racistas. Até o seu admirador Rodrigues Júnior escrevia (2): «Godido tinha apenas um de-

feito: o de não ser, algumas vezes, verdadeiro, de mostrar um clima que posto em outro lugar, que não fosse o nosso, seria exacto.»

Mas, contrapondo-se a isto, Orlando de Albuquerque escreve (3): «Há quem o tenha acusado de ser germinador de ódios rácicos. Nada mais falso!... Ele foi apenas uma vítima!... Um pobre Godido esmagado e lacerado pelas nossas circunstâncias sociais, numa sociedade modelada por conceitos raciais, onde ser branco encobre todas as deficiências e ser preto proíbe todo o valor.»

Acusaram-no de abrigar os mesmos males da sociedade, em especial o racismo. Mas para João Dias, a injustiça e a opressão não se limitavam a relações entre raças diferentes. Existiam também entre indivíduos da mesma cor. No conto *Lei de bronze*, falando de um ditador preto, João Dias escreve: «Em todo o sítio a voz do vátua era indiscutivelmente a voz de baixar a cabeça e saudar Bayette! Bayette!!! De uma vez para castigar um induna revoltado, o régulo, chamou-o à sua cubata e ele próprio lhe enterrou uma navalha nos pulmões.»

João Dias bradou contra toda a injustiça, independentemente do seu autor ou da sua vítima. Expondo a vileza da sociedade, ele procurou melhorá-la. Aos dezassete anos de idade, já o jovem estabeleceu a sua filosofia perante a injustiça, quando escreveu: (4): «Mais uma vez bradamos pela justiça porque todo o homem sujeito à opressão tem o direito de reagir, de destruir tudo o que se oponha à sua liberdade.»

Estas palavras eram uma convocação às armas para todos os oprimidos. Os opressores tremiam e odiavam o autor enquanto que os seus admiradores no campo literário o consideravam um apóstata e pária, apesar da riqueza literária, filosófica e de linguagem, dos seus

escritos. Atestando tudo isso, Rodrigues Júnior escreve (2):

«Godido é uma jóia... Vivo, moço, com figuras desenhadas por mão de Mestre, almas nuas, como elas eram, verdadeiras, com as suas reacções. Um livro humano de que os «grupinhos» nada disseram — os «grupinhos» que se levantam sempre para deitar foguetório e aplaudir o «merecimento» duvidoso de quase todos os seus componentes. Fizeram campanha de silêncio ao valor que surgia com Godido. Godido era uma peça de alto quilate literário, dominando a «superioridade» tantas vezes barulhada dos mediocrês, cujo ruído não passou das mesas do Café onde rufaram os tambores do «grupo.»

Com uma ressonância ao mesmo tempo individual e universal, João Dias bradou pela justiça humana: individual porque ele mesmo sofreu a injustiça, universal porque descreve as arbitrariedades e a injustiça comuns no mundo através da História. Mas os opressores não quiseram ouvi-lo nem que outros o ouvissem. O que fez com que poucos no País e além-fronteiras conheçam a sua obra.

Cyprian Kwilimbe

- (1) João Dias, *Godido e outros contos*, Nova África, Lisboa, 1952: Todos os outros excertos pertencem a este único livro do escritor.
- (2) Rodrigues Júnior, *Literatura Ultramarina*, Africa Editora, Lourenço Marques, 1962.
- (3) Orlando de Albuquerque, em «Introdução» de *Godido e outros contos*.
- (4) Em *Cadernos da Juventude*, citado em *Godido e outros contos*.